



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA FICÇÃO LITERÁRIA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* E *CEM ANOS DE SOLIDÃO*.¹

Marcelo da Silva Bispo, UESC (marc2.silbis@hotmail.com)²

Resumo: O artigo apresenta um breve estudo comparativo entre *Grande sertão: veredas* e *Cem anos de solidão*, duas narrativas épicas que revelam a ação das forças sociais sobre a vida do indivíduo. Como os enredos dessas obras se apresentam carregados de representações sociais, sinais ou gestos e palavras cujos sentidos são construídos socialmente, o presente trabalho se apresenta também como uma proposta de análise dessas representações e de como elas podem influenciar a leitura e a interpretação dessas obras literárias. Na investigação realizada acerca do assunto, tomou-se como referencial teórico os conceitos e discussões acerca da Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici, a partir de estudos atualizados de Franco (2004) e de Arruda (2002); da Teoria da Leitura, a partir dos estudos de Iser (1999), bem como dos estudos literários comparados de Anderson (2007). Conclui-se que, por meio das representações sociais, o leitor pode ter sua leitura e interpretação influenciadas, pois tem, no ato da leitura desses romances, o desencadeamento de processos que facilitam o entendimento das informações prestadas pelo texto, já que as representações sociais podem funcionar como elementos prévios a leitura. Espera-se que o resultado deste trabalho, pela sua preocupação em contribuir para a formação de leitores e de leitores críticos, possa ultrapassar os limites acadêmicos, tornando-se uma fonte para futuras pesquisas acerca da temática aqui abordada.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Representações Sociais. Leitura.

Introdução

Grande sertão: veredas é uma narrativa que renovou o romance brasileiro. A história que aí se conta é rica de experimentos linguísticos e de técnicas nunca antes vistas. A inovação empreendida por Guimarães Rosa ao compor o enredo do romance

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Letras (TCC) no primeiro semestre de 2009, sob a orientação da Professora Dra. Reheniglei Rehem (UESC). E-mail: r_rehem@yahoo.com.br.

² Discente do curso de Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa (ECLIP), da Universidade Estadual de Santa Cruz.

consiste em romper com as formas tradicionais de narrar, consagradas por outros autores da literatura brasileira. Isso faz com que o mundo ficcional do sertão projete-se além de seu espaço geográfico e simbolize o universal, pois “o sertão está em toda a parte” (ROSA, 2006, p. 8) e “onde tudo é possível” (BRANCO, 2005, p. 551).

Cem anos de solidão, por sua vez, é um romance de “ficção metahistórica” (ANDERSON, 2007, p. 218), que parece buscar no passado distorcido e transformado pela realidade ficcional alternativas para as esperanças frustradas do presente: “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 7). Marcado por seu realismo fantástico, o romance apresenta a transformação do comum e do cotidiano em experiências sobrenaturais ou fantásticas.

Na ficção dessas obras literárias, os personagens e as sociedades nas quais estão inseridos estabelecem entre si “uma relação altamente dinâmica, profundamente dialética, própria das representações que são construídas quando o singular e o coletivo se encontram” (COSTA; COSTA, 2002, p. 75), com trocas mútuas entre os ambientes naturais e os elementos culturais, pois as tramas narrativas se desenvolvem em cenários ricos de descrições das paisagens, da geografia local e dos hábitos e costumes dos povos que aí habitam. Além disso, são relatadas ao longo da narrativa, as transformações por que o lugar e os personagens sofrem ao longo da história.

Na leitura de ambas as obras, o leitor é levado, por meio das representações sociais construídas na e pela linguagem literária, a conhecer os costumes, e, por conseguinte, a perceber as regras que organizam a conduta social. Essas representações, trazendo em si elementos afetivos e sociais, contribuem para a construção de uma realidade comum, da qual o leitor também pode fazer parte.

Como o discurso ficcional da literatura é construído no âmbito social, já que o autor é um sujeito integrante da sociedade e pode transferir para a escrita ficcional parte de sua experiência vivida no meio (ADORNO, 2003), o mesmo não pode ser visto de maneira isolada e distante da realidade. Faz-se necessário, então, analisar das representações presentes em seu bojo, uma vez que a subjetividade do leitor entra em ação quando se inicia a leitura e ele consegue relacionar o que lê com o seu contexto representado, e assim, tem estimulados “os atos que originam sua compreensão” (ISER, 1999, p. 9).

Partindo desses pressupostos, este artigo se propõe a investigar as representações sociais, construídas na e pela linguagem literária e suas possíveis influências na leitura e na interpretação dos textos literários de *Grande sertão: veredas* e de *Cem anos de solidão*. Espera-se que o resultado deste trabalho possa contribuir para a formação de leitores críticos e possa ultrapassar os limites acadêmicos, tornando-se uma fonte para futuras pesquisas acerca da temática aqui abordada, além de contribuir para que esses romances continuem a encantar várias gerações de leitores.

1 As representações sociais no *Grande sertão: veredas* e em *Cem anos de solidão*

Segundo Franco (2004), as representações sociais são elementos simbólicos usados pelos indivíduos, sejam eles por meio de gestos ou de palavras. No uso da palavra, seja ela escrita ou oral, o indivíduo expressa seu pensamento e/ou opinião a respeito de diversos fatos. Os sentidos atribuídos às palavras e aos gestos são construídos socialmente e se apoiam “no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem” (FRANCO, 2004, p. 170). Por isso, no estudo das representações sociais, conhecer os diferentes contextos em que elas são produzidas, mostra-se como condição indispensável para sua compreensão, uma vez que as mesmas

são construídas historicamente e se relacionam com diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos, refletindo-se em suas práticas sociais.

Nesse sentido, afirma Leontiev (1978 apud FRANCO, 2004, p. 171), “as representações sociais são comportamentos em miniatura”, pois os sentidos atribuídos às palavras, aos gestos, às atitudes e comportamentos são construídos socialmente e norteados ou direcionados por regras de organizações implícitas nos grupos dos quais os indivíduos fazem parte, como se pode observar nos fragmentos abaixo.

[...] E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei -: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. [...] Bolas, ora. Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e a mão quadrada. Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta (ROSA, 2006, p. 109-110).

[...] Nós o deixamos bem, faça com que o encontremos melhor. Arcadio deu uma interpretação muito pessoal à recomendação. Inventou para si mesmo um uniforme com galões e dragonas de marechal [...] Implantou o serviço militar obrigatório a partir dos dezoito anos [...] No começo, ninguém o levou a sério. Eram a final de contas, os rapazes da escola brincando de gente grande. Mas certa noite, ao entrar na taberna de Catarino, o trompetista da banda saudou Arcadio com um toque de fanfarra que provocou o riso da clientela, e Arcadio o mandou fuzilar por falta de respeito à autoridade (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 104-105)

Em *Grande sertão: veredas*, o fragmento acima revela o momento de decisão, da transformação do personagem Riobaldo e a sua entrada no mundo de jagunços e das andanças pelo sertão nordestino, da aceitação de suas práticas e de seus hábitos. Nota-se que, ao referir-se ao momento, o personagem enfatiza a ausência do medo, característica da qual se pode indicar um costume comum entre os jagunços, observada não só no trecho destacado acima, mas em toda a narrativa, já que o “jagunço [tinha que ser] criatura paga para crimes e impor³ o sofrer no quieto arruado dos outros” (ROSA, 2006, p. 220). Por esta perspectiva, o bom jagunço sertanejo era o que se mostrava valente, corajoso e disposto a enfrentar toda sorte de aventura pelas veredas do sertão nordestino, além de másculo, já que “homem tem de ter a dura nuca e a mão quadrada” (ROSA, 2006, p. 110), o que sinaliza para a força e a virilidade como condições indispensáveis para fazer parte e sobreviver no bando.

Disso, pode se afirmar a representação social da figura masculina do jagunço como a autoridade maior do sertão, responsável por impor e determinar o respeito de sua autoridade aceita e estabelecida desde sua entrada no bando, por meio de seus atos violentos e inescrupulosos. Além disso, a autoridade do jagunço é capaz de decidir o rumo que a vida dos demais habitantes do sertão deve tomar, decidindo a morte ou a vida, com apenas a palavra, cujo significado constrói-se no sertão, dos andarilhos e dos que porventura cruzem seus caminhos nos pequenos vilarejos sertanejos ou contrariem o poder de sua vontade, que cresce à medida que cruza os sertões dos Gerais. “Eu queria

³ No original: “jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros” (ROSA, 2006, p. 220).

ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. [...] Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...” (ROSA, 2006, p. 421).

Por outro lado, o fragmento de *Cem anos de solidão* aponta para a transformação e para a aquisição do poder no grupo social do qual os personagens fazem parte. Arcadio, ainda um adolescente, vê-se frente ao desafio de administrar o povoado de Macondo. O trecho acima parece enfatizar a “interpretação muito pessoal” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 104), que o personagem faz acerca das ordens recebidas de seu irmão que partia para a guerra. Mesmo tendo realizado mudanças no modo de vida das pessoas do lugar, o fato de ser um dos “rapazes da escola brincando de gente grande” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 105), faz com que as decisões e a autoridade de Arcadio sejam vistas de modo desacreditado ou sem valor reconhecido.

Disso se pode afirmar que o personagem acima citado sinaliza para a representação social dos jovens na sociedade de Macondo, cujos fundadores ainda permaneciam vivos e influentes sobre os rumos que o povoado e as pessoas tomavam, bem como na manutenção dos hábitos e costumes, como o de não possuir autoridade militar, o que faz com que as decisões de Arcadio não sejam legitimadas no povoado. “Como naquele tempo não havia cemitério [...] Macondo foi um povoado desconhecido para os mortos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 45, 79). Do mesmo modo como em *Grande sertão: veredas*, em *Cem anos de solidão*, essa autoridade só é estabelecida, legitimada e aceita após mostras de violência e do poder de decidir sobre a vida e a morte dos sujeitos.

De acordo com Arruda (2002), as representações sociais, como se observa nos fragmentos acima, é uma forma de conhecer a sociedade, “não uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta” (ARRUDA, 2002, p.134). Conforme a autora, estudar as representações sociais significa analisar permanentemente as transformações sociais e as mudanças que estas provocam no indivíduo, já que este se vê obrigado a trocas contínuas de comportamento a fim de “falar do que todo o mundo fala, uma vez que a comunicação é berço e desaguadouro das representações” (ARRUDA, 2002, p.134).

De modo semelhante, afirmam Faria e La Fontane (1993 apud BAPTISTA, 2009, p. 3), que “as representações sociais remetem inevitavelmente para as pertencas sociais do sujeito, as suas modalidades de comunicação, a sua funcionalidade e eficácia social”. Em posição teórica semelhante, Jodelet (2002 apud ARRUDA, 2002) reitera as funções que as representações sociais adquirem na sociedade onde é construída. De acordo com a autora, as representações são uma maneira de partilhar conhecimentos práticos relacionados com o funcionamento das regras da conduta social e de construção de uma realidade aplicável a todos os sujeitos que compõem um grupo social.

A autora acima citada enfatiza a articulação entre os elementos afetivos, mentais e sociais, como caminho para a compreensão das representações e, assim, o entendimento das mensagens que são construídas com base nestas. Como se observa nos fragmentos dos romances reproduzidos a seguir, em que é estabelecida e reconhecida a autoridade dos personagens em seus domínios do sertão e de Macondo, Riobaldo e os Buendías se sentem ainda responsáveis por cuidar do povo sofrido de suas terras e de atender suas necessidades humanas, além de tomar suas causas como o mote das batalhas travadas com as figuras representativas do Governo e não atender as ordens ditadas, embora respeite seus representantes, tratando-lhes como iguais.

Quem era esse Borromeu? Mandei vir. Um cego, ele era muito amarelo, escreiento, transformado. [...] Cego, por ser cego, ele tinha o direito de não tremer [...] mandei que montassem o dito num cavalo

manso, que da banda da minha direita devia estar sempre se emparelhar (ROSA, 2006, p. 446).

O Sr. Apolinar Moscote se desconcertou, mas José Arcadio Buendía não lhe deu tempo para responder. “Só lhe impomos duas condições”, acrescentou. “A primeira: que cada um pinte a sua casa da cor que quiser. a segunda: que os soldados vão embora imediatamente. Nós garantimos a ordem” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 60-61).

Essa mesma autoridade é outra vez reconhecida e reforçada como se observa no fragmento de *Grande sertão: veredas*, já que Riobaldo, ao tirar o cego Borromeu de sua condição miserável e pondo-o ao seu lado na caminhada, apresenta-se como o ‘salvador’ da vida do cego.

Pode-se afirmar, a partir desse acontecimento com o cego Borromeu, a dupla função de sua presença no bando do jagunço Riobaldo, pois o jagunço protege o cego, mostrando-se como uma autoridade preocupada com os mais pobres e, ao mesmo tempo, o cego protege o jagunço, de acordo com a representação do cego construída socialmente no sertão, baseada na crença do poder místico que os deficientes visuais podem ter: “um desses viajando parceiro com a gente, adivinha a vinda das pragas que os outros rogam, e vão defastando⁴ o mau poder delas; conforme aprendi dos antigos” (ROSA, 2006, p. 446). Trata-se, em realidade, de uma referência às habilidades de percepção mais desenvolvidas como forma de compensar a visão falha ou ausente no indivíduo.

Algo semelhante se observa em *Cem anos de solidão*, com o personagem Aureliano, o primeiro filho de Úrsula e de José Arcadio Buendía e também o primeiro “ser humano que nasceu em Macondo”, que por ter “chorado no ventre da mãe nasceu com os olhos abertos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 20), causava espanto nas pessoas do lugar desde o nascimento porque “examinava o rosto das pessoas com uma curiosidade sem assombro” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 20) e por conta de suas premonições, como se percebe no fragmento abaixo, o que funciona também para legitimar sua autoridade posteriormente.

Aureliano, na idade de três anos, entrou na cozinha no momento em que ela [Úrsula] retirava do fogão e punha na mesa uma panela de caldo fervente. O garoto, perplexo na porta, disse: “Vai cair.” A panela estava posta bem no centro da mesa, mas, logo que o menino deu o aviso, iniciou um movimento irrevogável para a borda, como impulsionada por um dinamismo interior, e se espedaçou no chão (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 20). [grifo nosso]

É o que se percebe também nos trechos seguintes, que mostram as ações dos personagens como resultados da vida social em constante evolução, ou seja, em processos de reconstrução de sentidos das representações sociais. Deles se pode afirmar ainda que *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, e *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, são verdadeiras narrativas épicas que descrevem “a transformação da vida popular através de um conjunto de tipos humanos característicos, cujas vidas são remodeladas pelo vagalhão das forças sociais” (ANDERSON, 2007, p. 205). “Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus

⁴ O que quer dizer, por aproximação, desfazendo e afastando. Este vocábulo é um dos mais de quatrocentos neologismos criados por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*. N. A.

mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal (ROSA, 2006, p. 19). “Antes que Arcadio tivesse tempo de reagir, descarregou-lhe a primeira vergastada. “Atreva-se assassino”, gritava. [...] A partir de então, foi ela quem passou a mandar no povoado” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 105-106).

Essa característica que reforça e legitima a autoridade de Riobaldo e dos Buendías pode ser observada outra vez nos fragmentos seguintes. : “Mas, minha vida na fazenda, era ruim ou era boa? Se melhor era. Arre, eu estava feito um inhampas. Ai lordeei. Me acostumei com o fácil movimento entre de amizade com os capangas” (ROSA, 2006, p. 131).

– Nego – digo –. *Factum hoc existentiam Dei probat sine dubio.*

Foi assim que se soube que era latim a endiabrada gíria de José Arcadio Buendía. O padre Nicanor aproveitou a circunstância de ter sido a única pessoa que pudera se comunicar com ele para tratar de infundir a fé no seu cérebro transtornado (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 84-85)

Em *Grande sertão: veredas* tem-se o momento em que o personagem Riobaldo passa a fazer parte da comunidade dos jagunços sertanejos, como numa espécie de estágio probatório, deixando de ser o ‘professor Riobaldo’ para ser o secretário do jagunço Zé Bebelo, acostumando-se com o “movimento e a amizade dos capangas” (ROSA, 2006, p. 131). Pode se afirmar a partir do trecho destacado que o personagem aprendeu e internalizou, no período relatado, as regras de funcionamento que organizavam a vida social dos jagunços, inclusive no que dizia respeito a uma espécie de código de honra entre os sertanejos. Aprendizagem necessária para os passos seguintes, quando fará parte do bando armado, chegando, inclusive, a liderá-lo.

Por outro lado, o fragmento destacado de *Cem anos de solidão* relata o momento evolutivo de Macondo e do personagem José Arcadio Buendía, um dos fundadores do povoado. Macondo, que crescera sem interferências religiosas, recebeu a visita de um padre que desejou permanecer e propagar a fé católica ali. Isso pode ser interpretado como um avanço social para o povoado, pois com a chegada da Igreja e da fé católica, poder-se-ia equiparar-se com as demais cidades civilizadas. A partir do trecho destacado acima, pode-se perceber ainda a força do sistema social que organiza os costumes, hábitos e condutas sociais dos personagens, pois o padre Nicanor se vê impelido por mudanças ou adaptações à maneira de viver em Macondo.

Desse modo, esses personagens conseguem estabelecer uma realidade comum a todos os indivíduos umbilicalmente ligados à cultura desses lugares, incorporando e reelaborando em seus repertórios os valores que recebem do meio que habitam (COSTA; COSTA, 2002). Essa mesma realidade pode ser partilhada com o leitor que, por seu turno, pode receber e interpretar o texto ficcional, apoiando-se em suas vivências, em seus contextos sociais, aos quais as representações fazem referências de sentido, o que pode facilitar a interpretação do texto ficcional, já que de seu contexto social e/ou de sua vivência pessoal, pode-se criar pontos de intersecção com a realidade vivida pelos personagens dos romances.

Considerações Finais

Os romances *Grande sertão: veredas* e *Cem anos de solidão* apresentam-se como duas narrativas épicas carregadas de representações sociais percebidas nos gestos e nas palavras dos personagens, que por sua vez são transformados, transformam o meio e legitimam os sentidos das representações sociais. Isso ocorre porque, ao representar o

contexto do leitor, o autor pode recriar a realidade e, nesse processo de recriação, transferir para o texto parte de suas experiências vividas na sociedade, da qual é membro integrante.

Nesse sentido, as representações sociais podem se mostrar como fatores determinantes na leitura e na interpretação de um texto literário. Isso porque o leitor é capaz de reconhecer, na ficção literária, os elementos relacionados às formas de conduta e organização social que lhe são comuns. Essas características podem levar o leitor, mesmo o não especializado, a buscar relações entre os contextos, isto é, entre a sua realidade e a ficção. A ocorrência deste fato pode, então, atuar no sentido de direcionar a leitura e o modo pelo qual se processam as informações do texto, uma vez que os significados das representações são construídos no meio social e podem criar uma realidade comum entre o texto e o leitor.

Além disso, pode-se afirmar que as representações sociais são elementos anteriores a leitura do texto escrito. Elas são a leitura de mundo ou ainda a leitura dos contextos sociais, que funcionam, no momento da leitura dos dois romances citados acima, como leituras prévias, que cria e oferece o suporte necessário para novas leituras e aquisição de novos conhecimentos.

Desse modo, pode-se ter ativado, durante a leitura, mecanismos de dupla função, que, por um lado, favorecem o processo de identificação, do qual o leitor procura criar pontos de ligação e/ou interseção com o texto ficcional, e por outro, favorecem o processamento das informações prestadas pelo texto, o que conseqüentemente facilita a interpretação, já que pode falar do que conhece e vive.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p. 65-89.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Sites Consultados

- ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. In: **Novos estud. - CEBRAP** [online]. 2007, n. 77, pp. 205-220. ISSN 0101-3300. doi: 10.1590/S0101-33002007000100010. pp. 205-220. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100010&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 18 mar 2009.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, npo. 1ve2m7-b1r4o7/,2 n0o0v2embro/ 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>> Acesso em: 22 mar 2009.
- BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica**. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>>. Acesso em 22 mar 2009.
- BRANCO, Flávia Maria Ferreira. Os sertões segundo Rosa e Graciliano. In: CONGRESSO DE LETRAS, V, 2005, Caratinga. **Anais V CONGRESSO DE LETRAS: Discurso e Identidade Cultural**. Caratinga: FUNEC Editora, 2005. p. 547-

551. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/267/342>>
Acesso em: 22 mar 2009

COSTA, Otaviana Maroja Jales. COSTA, Carlos Alberto Jales. Representação Social e Literatura: um Estudo Sobre Seis Contos de Machado de Assis. In: **Conceito**. João Pessoa, v.5, n 7, p.1-188 Jan./Jun. 2002. Disponível em: <http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/07/art_12.pdf> Acesso em: 22 mar 2009.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004, p. 169-186, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121.pdf>> Acesso em: 22 mar 2009.